



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**ANDRESSA FABIANA FANHANI JEREMIAS**

**O ESPAÇO DO PARQUE NA EDUCAÇÃO INFANTIL:**  
**Uma Análise a partir do Vivido**

**Florianópolis**

**2013**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

Andressa Fabiana Fanhani Jeremias

**O ESPAÇO DO PARQUE NA EDUCAÇÃO INFANTIL:**  
**Uma Análise a partir do Vivido**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Banca Examinadora do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Katia Adair Agostinho

Florianópolis

2013

Andressa Fabiana Fanhani Jeremias

**O ESPAÇO DO PARQUE NA EDUCAÇÃO INFANTIL:  
Uma Análise a partir do Vivido**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, e aprovado em sua forma final pela Coordenação do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 21 de novembro de 2013.

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria Sylvia Cardoso Carneiro  
Coordenadora do Curso de Pedagogia

**Banca Examinadora:**

---

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Kátia Adair Agostinho  
CED-UFSC

---

Membro: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Gilka Girardello  
CED-UFSC

---

Membro: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Patrícia de Moraes Lima  
CED-UFSC

---

Suplente: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Regina Ingrid Bragagnolo  
CED-UFSC

A minha mãe;  
Minha razão de viver  
A minha irmã;  
Meu presente de Deus e amor incondicional  
A meu marido;  
Meu companheiro e grande amor da minha vida.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por me dar saúde, força e fé em todos os momentos da minha vida; por ter conduzido o meu caminhar, capacitando-me e dando-me forças para superar todas as barreiras e mostrando, a cada dia, que seu amor é essencial e grandioso, com Ele tudo é possível.

Ao meu marido, por todo amor, carinho, preocupação, generosidade; por sempre me incentivar, suportando todos os momentos ao meu lado, me amparando e me apoiando, sempre demonstrando seu companheirismo e grande amor; por me encorajar a seguir em frente e por ter acreditado em mim, dizendo e me mostrando que eu era e sou capaz. Obrigada por existir em minha vida.

A minha querida mãe pela vida, pelo imenso amor e carinho, pela educação e dedicação, pois sem ela nada disso teria sido possível. Obrigada por todos os desafios que enfrentou e venceu para que eu conseguisse ter bons estudos e chegasse até aqui. Agradeço por ser minha mãe amiga, companheira, guerreira e por todas as palavras de tranquilidade, delicadeza e incentivo.

A minha irmã, pela criança maravilhosa que é, por todo o carinho, amor e sorrisos sinceros; por me fazer sentir bem a cada abraço e brincadeiras que compartilhamos; por ter sido paciente e generosa, me ajudando nos trabalhos em que foi, entre muitos, a protagonista de novas experiências junto a mim. Obrigada por me fazer sentir, em cada gesto carinhoso e palavras doces, que o amor é fundamental.

Aos meus avós que me possibilitaram uma infância plena, cheia de espontaneidade, brincadeiras, e por terem dedicado muito amor em tudo que fizeram por mim. Vó Nadir e Vô Jorcelino, por sempre estarem perto, morando grudadinhos comigo ou mesmo junto, assim, fazendo parte constante em minha vida. Obrigada pelas brincadeiras na rua, de casinha, de escolinha, pelos banhos de chuva, que sempre foram possíveis na casa de vocês. Ao meu amado vô João (*in memoriam*) e Vó Elizia por me oportunizar viver uma infância aproveitando todos os tipos de brincadeira no sítio, um lugar sem igual e que sempre lembro com muito carinho e guardo boas lembranças, onde pude ter ricas experiências de viver em contato com a natureza e com os animais, pelo parque e pela casinha de boneca, feitos para mim e meu primo André. Obrigada pela doce infância ao lado de vocês. Agradeço por serem essas pessoas tão queridas e fundamentais, que sempre me protegem, cuidam e amam.

Ao meu pai, por seu amor e por ter sido tão presente na minha infância. E agora, no caminhar da vida, mesmo tomando rumos diferentes e com a distância nos separando, demonstra, timidamente, que se importa comigo e torce pela minha vitória. Obrigada por ser essa pessoa tão importante para mim.

Aos meus primos, sempre amigos, companheiros, que compartilharam comigo uma infância cheia de alegrias, brincadeiras e descobertas. Obrigada pelos momentos inesquecíveis.

Aos meus tios e tias, pessoas especiais em minha vida. Agradeço cada gesto carinhoso, abraço e as palavras de conforto.

Aos todos meus familiares de longe ou perto, que sempre apoiaram minhas escolhas e torceram por mim nesta caminhada. Obrigada, principalmente o meu padrasto, pelas palavras calmas, incentivadoras e de motivação.

Aos meus sogros, por cada palavra de apoio e incentivo neste momento.

As valiosas amizades que fiz neste percurso, especialmente a minha eterna dupla de estágio, Eduarda Souza, por ter partilhado diversos momentos ao meu lado, os de angústia, cansaço, alegria, vitórias e por ser tão presente. Agradeço o respeito e carinho que sempre se mantiveram entre nós, assim, demonstrando o verdadeiro valor de uma amizade. A minha amiga Bianca Amorim, por sempre me escutar, me ajudar com palavras sinceras, compartilhando momentos e histórias importantes, que sempre guardo em meu coração. A Mariana Silva e Samantha Mendes, pelas trocas de experiências, por dividirem momentos inesquecíveis e por fazerem parte deste caminhar. A todas, obrigada pela amizade, pelo companheirismo e pelo carinho.

A todos que de uma forma ou de outra contribuíram para a minha formação.

As professoras Dra. Patricia Lima e Dra. Gilka Girardello, por, gentilmente, aceitarem o convite de fazer parte desta banca, neste momento que é tão importante para mim.

A minha Orientadora, Prof<sup>ª</sup>. Dra Katia Adair Agostinho, pela paciência, pelo acolhimento e apoio. Por compartilhar de seu conhecimento, pelo seu olhar atento, por me fazer refletir sobre o processo do estudo e da escrita, Agradeço por me fazer refletir, estudar e aprender ainda mais. Obrigada por me orientar.

A todos, meu eterno agradecimento. Meu muito obrigada.

A alegria não chega apenas no encontro do  
achado, mas faz parte do processo da busca. E  
ensinar e aprender não pode dar-se fora da  
procura, fora da boniteza e da alegria.

(Paulo Freire)

## RESUMO

Jeremias, Andressa Fabiana. F. **O espaço do parque na educação infantil: uma análise a partir do vivido.** 2013. 49f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Pedagogia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

Esta pesquisa teve como objetivo fazer refletir sobre o espaço do parque na educação infantil, partindo do vivido na sétima fase do curso de Pedagogia, durante meu estágio, no Núcleo de Educação Infantil Orisvaldina Silva, localizado no município de Florianópolis. Nesse campo e tempo, vivenciei momentos de experiências com crianças de três a quatro anos. Sabendo que a Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica, o espaço de direitos das crianças de zero a seis anos, deve, assim, permitir a vivência da infância plena. O tempo vivido no parque é um momento importante de troca de experiências entre todos que o habitam. O parque é um espaço que possibilita interações entre os pares e as diferentes relações que nele acontecem. Abordando esse assunto, no desenvolvimento deste trabalho, os procedimentos metodológicos consistiram de estudos bibliográficos e empiria, utilizando os registros de estágio, memorial final, os registros fotográficos, a observação participante, sempre partindo das informações que as crianças apresentavam. Observando e analisando as maneiras como as crianças transformam esse espaço em um lugar social, construído por elas e, assim, deixando suas marcas; conhecendo e mergulhando nos universos infantis, percebi que as crianças, especialmente, no parque, dão vazão aos movimentos, às brincadeiras, à imaginação... Nesse sentido, a presença e o planejamento do professor são bastante importantes para garantir que as crianças tenham seus direitos alcançados.

**Palavras-chave:** parque; criança; educação infantil; brincadeira; faz de conta; prática educativa.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1- 21/11/2012, Nei Orisvaldina Silva.....	20
Foto 2 - 27/11/2012, Nei Orisvaldina Silva.....	23
Foto 3 - 07/11/2012, Nei Orisvaldina Silva.....	27
Foto 4 - 21/11/2012, Nei Orisvaldina Silva.....	30
Foto 5 - 06/11/2012, Nei Orisvaldina Silva.....	35
Foto 6 - 06/11/2012, Nei Orisvaldina Silva.....	35
Foto 7- 26/11/2012, Nei Orisvaldina Silva.....	41
Foto 8 - 07/11/2012, Nei Orisvaldina Silva.....	43

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
1.1 PROBLEMATIZAÇÃO .....	122
1.2 OBJETIVOS .....	133
1.2.1 Objetivo geral.....	133
1.3 ALGUNS ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS .....	144
<b>2 UM BREVE SITUAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL</b> .....	166
<b>3 O PARQUE A PARTIR DO VIVIDO NO NEI</b> .....	188
3.1 A BRINCADEIRA DE FAZ DE CONTA EM EVIDÊNCIA .....	31
<b>4 A PRÁTICA EDUCATIVA NO PARQUE</b> .....	388
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	455
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	477

## 1 INTRODUÇÃO

Dizem que a vida é para quem sabe viver, mas ninguém nasce pronto. A vida é para quem é corajoso o suficiente para se arriscar e humilde o bastante para aprender.  
(Clarice Lispector)

Este trabalho busca provocar uma reflexão sobre o espaço do parque na educação infantil, trazendo, para o aprofundamento deste estudo, muito do vivido em meu estágio na educação infantil, que aconteceu na sétima fase do curso de Pedagogia, no segundo semestre do ano de 2012. Para mim, essa prática foi bastante enriquecedora e muito importante, pois, como acadêmica da Pedagogia, a partir da disciplina, consegui experimentar a realidade de alguns dos estudos teóricos aprendidos até aquela fase do curso.

Nessa etapa do curso, tive a contribuição da minha professora orientadora Kátia Adair Agostinho e da minha dupla de estágio, a acadêmica Eduarda Souza. Juntas, nos vimos inseridas no campo de estágio, o Núcleo de Educação Infantil (NEI)<sup>1</sup> Orisvaldina Silva, localizado no município de Florianópolis, no bairro Lagoa da Conceição, mais precisamente, na Servidão Vieira, nº 75, próximo ao Posto de Saúde da comunidade. A instituição é uma unidade de educação mantida pela Prefeitura Municipal de Florianópolis, que, no período das observações, atendia 226 crianças, nos períodos matutino e vespertino, com atendimento parcial.

O NEI Orisvaldina Silva observa as Diretrizes educacionais pedagógicas da educação infantil do município de Florianópolis, garantindo às crianças, dentre muitas coisas, os princípios éticos, estéticos e políticos das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil – DCNEI, quais sejam:

[...] éticos: da autonomia, da responsabilidade, solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades; Estéticos: da sensibilidade, criatividade, ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais; Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática. (BRASIL, 2009).

Posso dizer que o estágio foi um momento de enfrentamentos, em que fui me ensaiando como futura professora. Com ele, aprendi a observar as crianças com um olhar mais atento. O olhar é o ponto de partida para uma aproximação de crianças concretas e reais,

---

<sup>1</sup> Ao longo do texto utilizaremos em muitos momentos apenas a sigla.

não mais figuras. Com ele tive a intencionalidade em saber quem são, a maneira como vivem suas infâncias e o que fazem. No estágio, consegui me aproximar dos modos como as crianças estabelecem relações com seus pares, como interagem com ambientes e materiais e, ainda, como se expressam a partir das proposições feitas pelos docentes/adultos.

No texto de Eloisa Rocha e Luciana Ostetto (2008), "Estágio na formação universitária de professores da educação infantil", em que trás especificidades da área da educação infantil, assim o mesmo mostra alguns dos enfrentamentos que enquanto estagiárias temos que passar durante a vivência do estágio:

O estágio, nesta perspectiva é um espaço aberto para o enfrentamento de um conjunto de questões suscitadas pela prática observada e analisada por ocasião da presença das estagiárias resultando aprendizagem para todos. (ROCHA & OSTETTO, 2008 p 116)

A todo tempo tive que fazer um exercício de focar os olhares e observações em pequenos recortes, pois a vontade era de registrar todos os minutos, todas as falas, brincadeiras, gestos e expressões.

Na posição de estagiária do NEI, passei a observar mais de perto as crianças, dando voz a esse sujeito produtor de cultura e história. Ali passei, então, a registrar suas falas e seus olhares. Atenta à escuta dos seus dizeres, saberes e próprias ações, fui procurando fazer uma leitura do mundo da criança.

Através dos meus registros de estágio, a cada anotação e observação, me fiz humana, no sentido de entender pequenos gestos que antes eu não conseguia enxergar, coisa que, na correria de nossos dias, se não paramos e olhamos atentamente, passa batido. Não pela falta de compreensão do outro ou por não querer ver, mas, sim, pela rotina-rotineira, que nos prende e, às vezes, nos sufoca.

Assim, o estágio é um encontro constante entre a teoria e a prática, considerando as possibilidades dos limites, as próprias reflexões, o distanciamento, a imersão na teoria, os questionamentos, tudo isso fez com que minha formação pedagógica se ampliasse ainda mais.

O grupo de crianças observado, o GIII era composto por 15 crianças, na faixa etária de 3 e 4 anos, sendo 6 meninas (Valentina, Marcela, Manuela, Amanda, Isis e Ana Clara) e 9 meninos (Luiz, Carlos Eduardo, Murilo, Pedro, Davi Loiro, Davi Moreno, Eric, Vinícius e Rafael). O encontro com as crianças foi realizado com calma, mesmo esse grupo se mostrando bastante receptivo eu e minha dupla de estágio não queríamos causar nenhum desconforto com nossa chegada, mantemos uma relação de respeito e postura perante todos

envolvidos no qual foi desenvolvido o nosso estágio. Desde o momento que chegamos fomos bem acolhidas pelas duas professoras do grupo, assim nomeadas por elas, Marcia a professora e Ivonete a auxiliar, que nos deram todo o suporte e apoio necessário para que o estágio acontecesse de forma tranquila.

Então, partindo das vivências com o grupo três do NEI, foram surgindo algumas indagações e, fui me motivando a analisar e me adentrar nos ricos e variados universos infantis, especificamente no momento do parque.

Um mergulho na realidade, e amparada pela teoria, focando os sentidos nas crianças, observando e analisando as maneiras como elas transformam o espaço em um lugar social construído por elas, em que deixando suas marcas, fui, pé ante pé, passo a passo, compreendendo que suas relações se entrelaçam com o contexto na qual estão inseridas, com os adultos e com tudo que as cercam.

## 1.1 PROBLEMATIZAÇÃO

Partindo da minha aproximação com a educação infantil, tanto no estágio não obrigatório e, ainda mais enfatizado, no estágio supervisionado, é que comecei a observar e me indagar sobre o espaço do parque nesse tempo pré-escolar. Algumas perguntas me instigaram a pensar aquele espaço para as crianças da educação infantil:

- a) Como era sua organização e a distribuição dos brinquedos que compunham o espaço nesta instituição?
- b) De que maneira utilizavam o parque?
- c) Que brincadeiras o parque possibilita para as crianças?
- d) Quais movimentos existem nele?
- e) De que maneira as crianças se relacionavam no e com o espaço?

## 1.2 OBJETIVOS

A principal finalidade deste trabalho é compreender os modos próprios das crianças na educação infantil de se relacionarem com o espaço do parque, como o ocupam; e, tomando-as como sujeitos principais da pesquisa, analisar as relações que nele acontecem.

### 1.2.1 Objetivo geral

Apresentar o espaço do parque de um Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NEI) da rede pública municipal de educação de Florianópolis, focando na criança de três a quatro anos, baseado no estágio supervisionado, usando, como elementos para análise, os registros escritos e imagéticos e o memorial final, além dos indícios que as crianças apresentaram em suas brincadeiras, relações, movimentos e interações.

### 1.2.2 objetivos específicos

- a) Conhecer a organização e distribuição do espaço do parque;
- b) Identificar as relações sociais estabelecidas entre crianças e adultos e entre as próprias crianças neste espaço;
- c) Compreender como é utilizado o espaço do parque pelas crianças, bem como pelos adultos.

### 1.3 ALGUNS ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Alguns procedimentos foram avaliados, sendo escolhidos e definidos que esta pesquisa seria realizada através de estudos bibliográficos e empiria, partindo dos registros e das vivências no estágio supervisionado da sétima fase do curso de Pedagogia. Abordando aspectos teóricos sobre a educação infantil, o foco central foram as crianças, valorizando seus modos de ser, suas vozes, significações e representações. Com um olhar capaz de ver para além das coisas naturalizadas no dia a dia. Um olhar atento para elas.

Assim anuncio que os aspectos teórico-metodológicos nesta pesquisa foram se tecendo de forma entrelaçadas, não sendo possível a separação entre os procedimentos.

A utilização da observação participante e dos registros feitos no estágio contribuíram para analisar mais profundamente essas questões que acontecem no parque durante o vivido.

Com os instrumentos, que julgo fundamentais, observação e registros é que dei início às análises das relações, interações e brincadeiras existentes no parque.

O parque, o que significa para as crianças que o habitam? Quais as interações e relações que este espaço possibilita? Como o espaço do parque na educação infantil é organizado, distribuído; e como acontecem as relações entre crianças e adultos?

Para responder esses questionamentos, recorri a alguns autores, entre os quais Katia Adair Agostinho (2003) e Zenilda Francisco (2005), além do documento Orientações curriculares para a educação infantil da rede municipal de Florianópolis - SME-Fpolis (2012), que cruzados com meus registros do estágio me ajudaram com as possíveis respostas aos questionamentos antes elencados.

Por meio da pesquisa qualitativa de caráter descritivo, analiso a respeito da forma como as crianças, na educação infantil, se relacionam, brincam, interagem com e no espaço do parque infantil, e as maneiras que o adulto também utiliza este parque, assim, aprofundando a temática eleita.

A pesquisa qualitativa é utilizada para interpretar acontecimentos, e se desenvolve por meio da interação entre a observação e a formulação conceitual, entre a pesquisa empírica e o desenvolvimento teórico, entre a percepção e a explicação.

A empiria deste estudo apresentarei a partir dos registros de meu estágio na educação infantil, conforme já ressaltado, os quais são frutos de minhas observações, que resultaram em registros escritos e imagéticos.

Usei também a fotografia, neste processo, como meio de expressão e comunicação entre os pares, por entender que ela possibilita a interpretação de um momento, conforme Francisco (2005) afirma, “a possibilidade de olhar para a imagem congelada permite que o pesquisador veja e reveja inúmeras vezes a cena retratada, e isso pode aguçar a memória, a imaginação e a própria criação na documentação das produções e manifestações das crianças”. (p. 35)

Assim, fotografia e registros escritos se completam. Francisco (2005) ainda nos informa que é importante usar a fotografia como um instrumento cotidiano, o qual é capaz de captar as espontaneidades e não apenas em momentos com caráter comemorativos. Desse modo, podemos utilizá-la de maneira que ajude a analisar e interpretar as vivências no cotidiano da instituição.



## 2 UM BREVE SITUAR DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A educação infantil é a etapa inicial da educação básica, espaço de direitos das crianças de zero a seis anos, e necessita permitir a vivência da infância e de sua cidadania. Além disso, possui outras particularidades, como o cuidar e educar, sendo processos indissociáveis.

Firmada como um direito de toda criança pela Constituição Federal de 1988 no Brasil, e reafirmada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9394/96 (LDBEN) como a primeira etapa da Educação Básica, a educação infantil passa, então, a integrar os sistemas de ensino com exigências legais, que garantam um atendimento de qualidade às crianças a partir dos primeiros meses de vida até os seis anos de idade, constituindo-se, assim, um espaço institucional educativo.

As crianças são sujeitos históricos e de direitos, que vão construindo sua forma de estar no mundo através de suas relações e práticas sociais, partindo de suas brincadeiras, fantasias e movimentos, mostrando, assim, o quanto são capazes de compreenderem o mundo e se expressarem perante ele. A infância, segundo Gobbi (2010), é como uma construção social e histórica, em que compreendemos que não existe uma única, e sim, diversas infâncias em um mesmo espaço, resultado de realidades que estão em confronto.

A creche e a pré-escola são lugares socialmente construídos pelas crianças e adultos que o habitam, oportunizando vivências e experiências a todos. Para muitas crianças, é sua primeira aproximação do mundo fora do contexto familiar, pois chegam à educação infantil nos seus primeiros meses de vida e saem de lá apenas para irem direto para os anos iniciais, numa longa caminhada escolar.

Por isso defendo a ideia de que os espaços das instituições de educação infantil precisa ser acolhedores, confortáveis, prazerosos para as crianças que ali estão inseridas. Enfim, significar um espaço que possibilite trocas, experiências, vivências e aprendizados. Espaço que considere a criança no seu desenvolvimento integral, levando em conta todas as suas dimensões, tanto nas necessidades físicas como sociais.

As crianças não produzem suas culturas em outro lugar que não o social, onde reinterpretam o universo simbólico de sua cultura. A interpretação das culturas infantis necessita estar sustentada na análise das condições sociais em que as crianças vivem, interagem e dão sentido ao que fazem. (FRANCISCO, 2005, p. 15).

Criança é um sujeito de direito, de direitos plenos. Direito de ter voz, ter vez, ter participação. Conforme as DCNEI:

[...] é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2009).

Ou seja, precisa enxergar as crianças como concretas, considerando a heterogeneidade da infância, e que são sujeitos que produzem e reproduzem cultura.

Em relação à organização do espaço da creche, o documento da COEDI/MEC (2009) Critérios para atendimento em creches e pré-escolas que respeitem os direitos fundamentais da criança afirma que é necessário repensar a organização espacial da creche e da pré-escola, para que contemple todas as dimensões humanas, respeitando os pontos imprescindíveis para a educação e cuidado das crianças pequenas em espaços coletivos.

Do referido documento ressaltou:

Nossas crianças têm direito à brincadeira; Nossas crianças têm direito a um ambiente aconchegante, seguro e estimulante; Nossas crianças têm direito ao contato com a natureza; Nossas crianças têm direito a desenvolver sua curiosidade, imaginação e capacidade de expressão; Nossas crianças têm direito ao movimento em espaços amplos (COEDI/MEC, p. 13).

Nesse sentido, na organização do espaço físico, as instituições de educação infantil necessita considerar todas as dimensões humanas potencializadas nas crianças, como o imaginário, lúdico, artístico, afetivo e cognitivo.

Pensar a educação infantil como espaço acolhedor de emancipação exige a recusa das práticas reguladoras, homogêneas, universalizantes e impessoais. Para tanto, faz-se necessário buscar nas crianças, nas suas práticas, nos seus modos de ser, a possibilidade da construção de novos tempos e espaços em que elas sejam respeitadas como crianças e possam viver como crianças. Não queremos uma educação que prepare para a emancipação, queremos que as crianças vivam a condição de sujeitos de direitos e, principalmente, o direito de aprender a ser criança e viver intensamente essa experiência. (BATISTA, p. 54.)

### 3 O PARQUE A PARTIR DO VIVIDO NO NEI

O Núcleo Educacional Infantil Orisvaldina Silva, na Lagoa da Conceição, em Florianópolis, tem sua área externa composta por três parques. O parque considerado das crianças do grupo dois e três fica situado atrás das salas dos respectivos grupos, tendo acesso direto para elas. Canteiros espalhados, uma horta e um viveiro compõem este espaço coberto de areia por toda sua extensão, tendo um pequeno playground de madeira, com escorregador, balanços e uma ponte. No parque, tem também uma casinha de plástico que possibilita a brincadeira de faz de conta, além de uma amoreira, que torna o espaço um aconchegante lugar de sombra para as crianças e adultos que o habitam.

Outro espaço de parque, usado pelo grupo três, é revestido de brita, possuindo dois brinquedos de plástico, um escorregador e uma casinha, além de uma pequena árvore no centro deste espaço. Situado na entrada do NEI, possibilita um grande encontro com o espaço fora da instituição, pois é dividido por cercas que permitem o olhar para o mundo fora dali.

Ao observar o terceiro espaço de parque, percebi que o uso dele pelas crianças do grupo três ocorre apenas em dias que acontecem as proposições coletivas ou, então, nos dias em que as crianças têm Educação Física. Este parque é considerado como das crianças maiores. É um espaço grande, igualmente, revestido com areia, mas os brinquedos têm estruturas mais altas, com escorregador de tobogã, tendo, também, outros brinquedos, como ônibus, barco e casinha de madeira, além de uma área separada, apenas com areia, que as crianças chamam de campinho, ou prainha e lá são organizadas brincadeiras com bolas, principalmente no momento da Educação Física.

Em minhas observações, contemplei todos esses três ambientes externos chamados de parque. No decorrer deste trabalho, cenas ocorridas em cada um desde espaço serão descritas.

O parque é um espaço que possibilita interações entre os pares e, a partir das relações que ali acontecem, ele deixa de ser um simples espaço para se constituir um lugar, pois o lugar é construído socialmente. Frago (1998, apud AGOSTINHO 2003, p. 7) clareia essa distinção, afirmando que o espaço se projeta ou se imagina; já o lugar se constrói. “Constrói-se ‘a partir do fluir da vida’ e a partir do espaço como suporte; o espaço, portanto, está sempre disponível e disposto para converter-se em lugar, para ser construído”.

Para Francisco (2005), esse espaço se constitui como local coletivo, que envolve relações sociais, afetivas, troca de experiências e conhecimentos, é um espaço onde ocorrem

diversos movimentos, brincadeiras, e, ainda, nele acontecem disputas, criações, conflitos, afetividades, e assim por diante. Neste espaço do parque, a criança vive e experimenta, cria, (re)cria e, com isso, aos poucos, vão sendo oportunizadas a exercitarem sua autonomia.

As crianças precisam sentir que o espaço do parque, bem como os materiais ali existentes valorizam e mantêm a interação e a comunicação entre os pares, proporcionando, assim, situações de criação e recriação, de produções e reproduções sempre que acharem necessário (FRANCISCO, 2005).

A hora do parque é um momento importante de troca de experiências entre crianças e crianças, crianças e adulto, e crianças com o espaço e objetos ali existentes. É onde muita coisa acontece: a brincadeira, o movimento, a imaginação e o faz de conta das crianças afloram, e elas nos dão indícios do quanto esse lugar é prazeroso, alegre, de brincadeiras, de movimentos e de liberdade (AGOSTINHO 2003).

Vê-se, então, que, nesse lugar, o vivido acontece pelas diferentes dimensões que compõem o humano. Neste trabalho, é necessário separá-las para os fins didáticos que o texto exige, mas sabe-se que essas dimensões apresentam-se entrelaçadas, cruzadas.

Segundo Craidy (2001, p. 89), “O jogo espontâneo infantil possui [...] dois aspectos bastante interessantes e simples de serem observados: o prazer e, ao mesmo tempo, a atitude de seriedade com que a criança se dedica à brincadeira.” Na cena a seguir relatada, pode-se observar esse prazer, esse movimento e essa liberdade ao brincar no parque:

Sentadas no balanço Marcela e Valentina. As duas movimentam parte do corpo para frente e as pernas para trás. Esse movimento se alterna. Com parte do corpo para trás e pernas esticada para frente, elas pegam impulso e balançam em uma altura mais alta do que a que podem no balanço do parque maior. Sem falarem nada, uma olha para a outra e começam a rir, Marcela olha para a areia e Valentina começa a observar a barra do seu vestido que, com o vento, também balança. E, olhando aquilo, avisa à amiga: *Olha Marcela o meu vestido balançando!* A amiga: *Que legal, eu não to de vestido!* Valentina parece não escutar, continua a observar seu vestido, e Marcela observa Valentina. As duas continuam ali, naquele brinquedo, sem falarem nada por algum instante, ora olham uma para outra, ora olham para outras crianças que ali passam. (Registro, 21/11/2012).



Foto 1 - 21/11/2012, NEI Orisvaldina Silva.

Ao analisar esta cena, fica evidente o prazer com que as duas meninas vivem esse momento de brincadeira no parque, pois, sentadas lado a lado, cada uma em seu balanço, fazendo o movimento que possibilita o livre vai e vem pelos ares, interagem entre si e com a paisagem, tornando-se parte do céu, voando alto, indo e vindo no balançar, em silêncio, olhando e observando o movimento uma da outra. “A participação em brincadeiras com outras crianças é fundamental à aprendizagem da brincadeira, sendo a instituição de educação infantil um espaço privilegiado para o encontro entre as crianças e para a vivência da brincadeira”. (PMF-SME, 2012, p. 8).

Os olhares se encontram e o riso aparece, indicando, assim, a alegria de estarem ali. Ao ficarem apenas observando, o que pensam? O que sentem? A simplicidade da cena é valorizada pela menina. Seu vestido movimentando-se ao vento lhe provoca curiosidade e faz com que divida este momento com sua colega. Assim, as trocas acontecem, uma mostra a outra como o vestido é capaz de acompanhar esse movimento. Sobre a brincadeira, nas Orientações curriculares para a educação infantil da rede municipal de Florianópolis (2012), o Núcleo da Ação Pedagógica (NAP)<sup>2</sup>, trata exatamente dessa troca, “Ao estarem juntas, as

---

<sup>2</sup> Doravante nomearemos apenas NAP.

crianças começarão a se conhecer, e isso significa observar umas as outras, perceber os modos como brincam, viver disputas e conflitos relacionados aos materiais, enredos, papéis.” (p. 9)

Outro ponto interessante em relação, ainda, a esta cena é que, este parque em que ela aconteceu é de uso casual das crianças do grupo três, pois os brinquedos têm alturas maiores, diferenciado do parque que é considerado delas. Este parque “maior” é destinado ao uso das crianças dos grupos quatro, cinco e seis, pois, como a instituição tem três espaços diferentes e, conforme relatado anteriormente, o parque é constituído por estruturas maiores, houve a necessidade de dividir estes espaços.

Porém, mesmo acontecendo essas divisões de parque, observei que, nas ocasiões de projetos coletivos, este é o escolhido para essa interação entre as crianças de todas as faixas etárias. Conforme prevê o PPP (2011) da instituição, é importante “Valorizar a interação entre as crianças, de modo a colaborar com a troca de experiências e o convívio social, auxiliando no desenvolvimento cognitivo e sócio-afetivo”. (p. 13)

Pode-se pensar com Agostinho (2003) que, ao falar sobre o espaço da creche, informa que este é um lugar de encontro:

[...] o espaço da creche é um local rico para os encontros com este outro, sujeito singular, completo em si mesmo, que é a criança, as diferentes crianças quanto ao gênero, idade, cultura, classe social, religião etc.. Caracteriza-se esse encontro como um exercício de alteridade no qual buscaremos as pistas que as crianças nos dão para, com elas, construirmos as práticas educativas pautadas no respeito e na valorização da condição infantil. (p. 84)

É no parque que acontecem, com maior intensidade, as relações, a busca do outro, podendo ser de qualquer idade, tamanho ou cor; as crianças vão à busca do encontro, nas suas interações, suas trocas e ações. Encontros que acontecem nas brincadeiras mais simples e inusitadas, no espaço disponibilizado para elas. Segundo o NAP, por relações sociais e culturais, “Compreende-se que a criança se constitui e se desenvolve pelas interações, relações e práticas cotidianas a ela proporcionadas e por ela estabelecidas, com adultos e crianças de diversas origens, nos contextos em que ela se insere”. (2012, p. 4).

Na cena, narrada a seguir, consegui observar a busca do outro para essa interação e relação.

Valentina enche o balde de brita até onde não cabe mais e, logo após, diz: - *Isis, me ajuda?* Como não foi atendida, continua: - *Vinicius, me ajuda?* Ele, que está entretido em outra brincadeira, não parece escutar a voz de sua colega. Ela completa: - *Eric, me*

*ajuda?* Apontando para o balde, ele, que estava próximo e olhando para ela, atende o pedido. Os dois pegam o balde juntos, cada um de um lado, se abaixam e fazem o movimento juntos de levantar o balde, segurando-o pela borda dele, Valentina então desiste de carregar o balde, os dois soltam o balde no chão e Valentina diz: - *Oh, Eric, carrega!* (direcionando seu olhar para o balde). Neste momento, Valentina se distrai e sai andando para o brinquedo de plástico que está neste espaço, e Eric continua na brincadeira do balde e das pedras. (Registro, 29/10/2012)

Ou seja, Valentina busca o outro para compartilhar o seu momento de brincadeira no parque, chama as crianças que estão ao seu redor para se juntarem a ela. As primeiras que ela convidou não se mostraram, naquele momento, interessadas a participarem desta brincadeira proposta por ela, por quê? Suas brincadeiras estavam mais interessantes ou estavam tão envolvidas que não escutaram o chamado da colega? Mesmo assim, Valentina não desanimou de sua brincadeira, insistiu, chamou até que encontrou um parceiro disposto a dividir aquele momento e, assim, juntos brincaram em uma pequena fração de tempo. Logo, a proponente da brincadeira parte para outra brincadeira, porém seu colega continua a realizar o proposto por ela.

Nesse sentido, em relação à busca do outro, da efetivação da interação, Rivero (2011, p. 07) afirma que “entende-se o desenvolvimento humano como um empreendimento conjunto e não individual, construído na e pela interação das crianças com outras pessoas”.

No parque, como um lugar de encontros e trocas, observei mais uma cena que envolve esses significados.

Isis e Pedro, embaixo da sombra da amoreira, com a bola amarela. Pedro joga a bola na cabeça da Isis e diz: - *Olha, não dói, né?* Isis começa a rir e diz: - *Não, deixa eu jogar agora.* E joga a bola na cabeça de Pedro, que logo afirma: - *Não dói, não.* A bola bate em sua cabeça e logo cai em direção ao outro lado do parque, onde estão outros brinquedos. Os dois saem correndo, rindo, para pegar a bola, chutando de um lado para o outro, as bolas se movimentam no parque... (Registro, 27/11/2012)



Foto 2 - 27/11/2012 NEI Orisvaldina Silva.

Nesta cena, ao brincar com as bolas no parque, as crianças experimentam. Pedro, ao jogar a bola na cabeça da sua colega Isis, observa a reação dela. E ela, sabendo que não dói, oferece a troca, para fazer com que seu colega entenda o que ela estava dizendo. Propondo a troca de papéis, ela proporciona ao colega a experimentação, também, da bola na cabeça.

O parque precisa oportunizar para as crianças que o habitam, a ampliação de suas escolhas, seu repertório de ações, fazendo com que sintam-se livres, autônomas e criativas. Assim desenvolvem suas habilidades físicas, relações sociais, interativas e afetivas.

Buscar o outro, seja esse outro menino, menina, grande, pequeno, branco ou negro, colega ou desconhecido, assim percebemos o movimento das crianças indo à busca de encontros, de trocas, com outras crianças e adultos, reafirmando, em suas ações, gestos e buscas desse outro, nossa humanidade social. (AGOSTINHO, 2004, p. 11).

E mais, o parque tem que respeitar a diversidade cultural das diferentes infâncias que o frequentam diariamente, e, assim, são necessários exercícios de respeito entre todos que o habitam. Para Gobbi:



Crianças brincam, individual ou coletivamente, e, neste ato, experimentam e descobrem a vida que pulsa em diferentes ritmos, a partir das linguagens com as quais aprendem a relacionar-se com os outros: trata-se da extraordinária capacidade em provar a vida de modo intenso, com tudo o que isso envolve tais como, confronto, tristezas, alegrias, amizades, tensões. (GOBBI, 2010, p. 01)

Para Francisco (2005, p. 20):

O espaço do parque deve ser visto como um lugar 'instituído nas instituições para a brincadeira livre', mas também, uma oportunidade para a criança se movimentar amplamente, fazer escolhas, determinar seus próprios tempos, no qual a professora interfere pouco, deixando apenas seus olhos sobre elas.

Além de liberdade, o espaço do parque possibilita o movimento, um lugar em que movimento significa expressão, comunicação e interação das crianças com o mundo.

Anda, corre, pula, salta, escorrega, sobe, desce, empurra, puxa, pendura-se, rola, engatinha, deita, senta, cai, espia, trepa, rasteja, pega, lança, dança,... Logo depois, tudo de novo... A vida na creche é marcada pelo movimento; movimentar-se para as crianças é comunicar-se, expressar-se, interagir com o mundo; é uma forma de linguagem; é explorar e conhecer o mundo e o próprio corpo, seus limites e possibilidades. (AGOSTINHO, 2003, p. 10).

Ao observá-las no parque, brincando, compreendo que elas se movimentam de diversas formas, correndo, pulando, gritando, sorrindo e, assim, passam a conhecer seu corpo, suas possibilidades e limitações, podendo se expressar de maneira livre. Afirmando que o movimentar-se é uma necessidade da criança.

Agostinho (2003), sobre observar os movimentos das crianças e o planejar a partir deles, assim se manifesta:

Para que ocorra a identificação da emoção corporificada e se estabeleça a comunicação com o mundo, temos, como adultos, professores e pesquisadores da Educação Infantil e para além dela, que observar o movimento de nossas crianças, aprofundar nossos conhecimentos sobre ele e valorizá-lo em nossas práticas, planejando e oportunizando espaço e tempo que viabilizem essa leitura da plasticidade corporal infantil. (p. 116)

As crianças aprendem a conhecer melhor e experimentar seus movimentos, seu corpo. Assim, passam a movimentar-se no mundo, numa busca de movimentos e diversas maneiras de explorar este espaço do parque.

Num dos dias de estágio no NEI participei de um dia de projeto coletivo<sup>3</sup> no parque, em que foram vivenciados pelas crianças, momentos como: vestir fantasias, contações de histórias, brincadeira de pintura de rosto, tudo isso no parque envolvendo todos os grupos da instituição.

Foi neste espaço que observei, percebi uma preocupação maior quando as crianças do grupo três o habitam, pois as professoras ficam atentas a todos os movimentos dos menores, subidas, escaladas. Em uma cena, foi possível observar essa preocupação:

No parque percebo o movimento de Vinicius em pé sobre o barco balançando com toda sua força, ele sobe na parte de cima do barco, é alto e ele busca equilibrar-se para manter-se sobre o brinquedo. Vinicius diz para Rafa: - *Cuidado com a água*. Nesse momento, a interação acaba sendo interrompida pela voz da professora, de longe, dizendo: - *Vinicius, desce já daí*. Vinicius parece não dar ouvidos e continua a brincar, e a professora parece esquecer. (Registro, 08/10/2012)

É possível observar que, enquanto para a criança o brinquedo do parque significava brincadeira, movimento, força e o desafio de equilibrar-se nele, a professora tenta, de uma maneira protetora, limitar sua brincadeira. Fiquei a pensar nesta cena, pois a criança escuta a professora, mas não a atende, continua onde está. Será que ele, em outras vezes, na ida para o parque, já foi chamado a atenção pela professora? Mesmo percebendo que lhe causa uma preocupação, gosta de continuar o desafio? E a atitude da professora, partiu de um olhar de adulto vigilante em que é responsável pelo cuidado da criança? Assim fazendo com que chame a atenção da criança? Ou foi pela lógica do adulto, por achar que não é daquela maneira que se usa o brinquedo? No parque, o adulto é um vigilante sim, porém não há necessidade de ficar avisando que está presente e “de olho”, ao chamar a atenção da criança. As crianças gostam da presença do adulto neste espaço, mas, para além disso, gostam de brincar no parque como se não estivesse sobre o olhar do adulto.

Ao me questionar sobre a cena foi em busca do significado da palavra com seu verdadeiro sentido, focando no dicionário online de português, no qual trouxe que o significado de vigiar é espiar, observar atentamente, atentar em, tomar conta de, cuidar, estar

---

<sup>3</sup> O projeto coletivo visa momentos de maior interação entre todos os grupos, assim oportunizando as crianças a troca de experiência entre as diferentes idades, podendo circular em todos os espaços, assim também tendo a contribuição de cada professora para uma proposta nova para todo o NEI.

atento. Ou seja, vigiar não significa restrição, apenas cuidar sem dar margem para a limitação da brincadeira das crianças.

As crianças gostam da participação dos adultos junto aos seus repertórios vivenciais, porém que entendam o que o espaço do parque significa para eles, a liberdade. (AGOSTINHO, 2003)

Sobre o brincar e a mediação do adulto tem-se que:

Mesmo quando a criança brinca livremente no parque infantil, ela desenvolve novas habilidades e competências. Neste momento, o professor poderá observar a criança, nas suas relações com outros colegas, nas relações estabelecidas com os objetos, e, ainda, nas descobertas e desafios que cada professor poderá conduzir e orientar a brincadeira, tornando-a mais atraente, desafiadora. (CRAIDY, 2001, p. 91)

Agostinho (2003), ao referir-se à brincadeira livre, apresenta o parque como um *lugar de liberdade*, e passa a observar este espaço e perceber a urgência das crianças irem para este lugar, no qual se caracteriza como preferido. “A alegria e a satisfação na ida para o parque por elas manifestada, nos fez compreender o parque como o espaço da creche de grande expressão e encontro de liberdade.” (p. 09)

Ou seja, é neste lugar do parque que as crianças encontram a possibilidade e a permissão da brincadeira livre, assim se sentindo livres e capazes de decidir do que querem brincar e outras ações.

É neste contínuo movimento que as crianças conseguem criar locais para brincadeiras e organizar este espaço de maneira que se torne mais atraente e que acompanhe seus desejos. No parque também acontece o momento em que os movimentos corporais se tornam mais evidentes, proporcionando maior grau de liberdade para as crianças explorarem as possibilidades de movimentos corporais, incluindo-se o brincar e o faz de conta.

Valentina chama Ana Clara para ir ao balanço. As duas, uma em cada balanço, se divertem com risadas provocadas pelo balançar dos cabelos ao vento. Elas falam enquanto balançam: - *Aiii, cabelo..* e dão muitas risadas. Valentina propõe a Ana Clara que mudem de posição no balanço, elas começam a girar e, girando, ao soltar, elas observam o balanço girando sozinho. Valentina diz: *É assim, ó!* E Ana Clara repete apontando para seu balanço: *É assim, ó!* A brincadeira muda a todo momento. Valentina põe a barriga para baixo e as mãos na areia e balança. (Registro, 07/11/12)



Foto 3 -07/11/2012 NEI Orisvaldina Silva.

Assim, percebe-se o quanto é importante existir este espaço do parque, que possibilita às crianças esse brincar, esses movimentos livres, espaço de imaginação e fantasias, em que a criança consegue ter o seu momento de fazer o que quiser, aqui e agora, para além das paredes das salas.

Ao brincar, as crianças observam, se movimentam, exploram objetos e espaços, tornam-se outros (animais, pessoas, seres diversos), inventam, conversam, criam cenários e contextos. Muitas emoções, prazer, conflitos, curiosidade e expressividade estão presentes no brincar. (PMF-SME 2012 p. 12)

Sobre o brincar, posso dizer que é uma atividade essencial para as crianças, principalmente na educação infantil, é brincando que as crianças se comunicam e se inserem em um contexto social. Brincar é um direito da criança, além de ser importante para seu desenvolvimento.

A brincadeira é um dos pilares das culturas da infância, uma atividade social significativa, basilar na nossa constituição humana. Para as crianças a brincadeira é uma importante forma de ação social para a construção das suas relações e formas - coletivas e individuais - de interpretação do mundo. (PMF-SME, 2012, p. 12)

Segundo com Navarro (2009), é brincando que as crianças descobrem o seu mundo e o das outras pessoas, aprendem a se comunicar e se inserem no contexto social em que vivem. Para a autora,

Percebendo as crianças e o modo como elas experimentam a vida, a forma como vivenciam sua cultura lúdica, verifica-se que é cada vez maior a necessidade de um tempo, dentro do âmbito escolar, para brincar com qualidade e ter, assim, a oportunidade de ser simplesmente uma criança capaz de desenvolver todo o seu potencial nesse espaço único de aprendizagem que é a brincadeira. (p.19).

A brincadeira, segundo Brougère (2001), é um fator social e cultural, no qual a criança explora o mundo e suas possibilidades, e se insere nele, assim desenvolvendo suas capacidades cognitivas, motoras e afetivas. O autor afirma que: “A criança não brinca numa ilha deserta, ela brinca com as substâncias materiais e imateriais que lhe são propostas. Ela brinca com o que tem na mão e com o que tem na cabeça.” (p.105)

Wajskop (2005 apud NAVARRO 2009, p. 39) refere-se à educação infantil como instituição que acolhe crianças cuja atividade fundamental, do ponto de vista afetivo, social e cognitivo, é a brincadeira.

No parque, a criança pode escolher o brinquedo que deseja utilizar para sua brincadeira, por ser um espaço amplo, para além das paredes da sala, não que na sala isso também não seja possível, mas no parque dependendo da sua escolha a criança consegue de maneira mais ampla viver e experimentar movimentos diversos, ampliar suas relações sociais.

A criança imagina e cria, brincando de maneira livre e tenta o mundo em suas mãos, ela interage com o meio, com outro, faz trocas de experiências, relata e representa o que vive e sua cultura.

Outro fator importante que percebi durante o estágio foi sobre o direito da criança em ter um ambiente acolhedor, arejado, seguro e estimulante, conforme previsto no documento do COEDI/MEC (2009), conferindo com a cena descrita a seguir, em que foi possível perceber a importância deste espaço:

Estavam todos sentados com algum objeto para brincar na areia. Estavam tranquilos, pois sabiam que o sol estava muito quente e que naquele momento era importante a permanência na sombra. Observamos que o vento começou a ficar forte e balançava as folhas da amoreira e das outras árvores que ficavam ali por perto. As crianças fizeram uma cara de assustadas e Ana Clara logo diz: - *Olha, o vento*. A professora avisa: - *Cuidado para não entrar cisco nos olhos*. Logo Vini responde: - *Não está entrando coisa no meu olho*. E pergunta: - *Meu cabelo está voando?* Continua no mesmo movimento que está antes, o de mexer na areia com uma pá de brinquedo fazendo um monte de areia, ninguém lhe responde, então ele continua concentrado em sua brincadeira na areia. (Registro, 19/11/2012)

O espaço do parque é um local que possibilita às crianças a ligação direta com a natureza, com o clima, poder observar se tem vento, sol, se está nublado, se faz frio ou calor. E ainda, sem deixar de lado suas brincadeiras. Assim, no documento da COEDI/MEC (2009) *Critérios para atendimento em creches e pré-escolas que respeitem os direitos fundamentais da criança, isso* aparece da seguinte forma: “Nossas crianças têm direito ao contato com a natureza; Nossas crianças têm direito ao sol; Nossas crianças têm oportunidade de brincar com areia, argila, pedrinhas, gravetos e outros elementos da natureza”. (p.18)

E, ainda, no NAP Relações sociais e culturais, (2012), aparece:

A organização e o planejamento do espaço inclui a área externa da creche ou NEI, onde comumente as crianças demonstram grande prazer de se encontrar. Os espaços externos necessitam de cuidados que garantam o contato com a natureza e a provocação para a criação de brincadeiras e jogos, atendendo as necessidades das crianças de correr, jogar, pular, manipular areia, água, folhas, argila, entre outros. É importante incluir nesse espaço brinquedos e outros elementos que possam ampliar a capacidade criativa das crianças, na relação consigo, com os outros e com o próprio espaço. Materiais como: pneus, cordas, tecidos, bolas, loucinhas, ferramentas, pedaços pequenos de madeira, água, argila, entre outros, são garantidos pelo planejamento das professoras, ao preverem esse espaço de forma intencional para as relações entre e com as diversas crianças. (PMF-SME, 2012, p. 38)

Sobre a importância das experiências no parque, com a natureza, pode-se observar que:

É preciso garantir-lhes que brinquem e descubram o imensamente pequeno, como as partículas do grão de areia e o imensamente grande, como o universo, que tenham assombros e sintam a emoção estética diante da multiplicidade da natureza explorando ludicamente, ou seja, brincando, suas formas, cores, sabores, odores e que, por exemplo, mergulhem no desconhecido das profundezas dos oceanos. Enfim, é preciso promover experiências nas quais as crianças possam descobrir as espantosas qualidades do mundo artístico, cultural e da natureza de modo a refinar, expandir sua sensibilidade, percepção, imaginação e, ao mesmo tempo, seu saber sensível e intelectual. (PMF-SME, 2012, p.05)

Em relação ao contato das crianças com a natureza e à disposição de novos elementos para fazer parte do espaço do parque, trago essa cena, a seguir, que relata esta oportunidade que eu e minha dupla do estágio disponibilizamos para as crianças do grupo três, pois, em nosso planejamento, contemplamos exatamente isso.

Arrumamos o espaço no qual iríamos iniciar as nossas proposições. Pegamos um tapete bem colorido e colocamos embaixo da amoreira, onde tinha uma sombra fresca e um vento muito agradável. Convidamos as crianças a se sentarem no tapete...

(Registro, 21/11/2012)



Foto 4 -21/11/2012, NEI Orisvaldina Silva.

Unindo a natureza com o momento da roda e contação de histórias, é possível refletir sobre o uso da Literatura Infantil fora da sala, assim, tornando o parque um espaço capaz de ampliar os repertórios culturais das crianças. . Elas, estando em um espaço diferente do convencional, que funciona como um estimulador e provocador de uma relação com a natureza imaginam e brincam neste espaço, partindo das histórias.

Para Girardello (2011):

As crianças tem necessidade das imagens fornecidas pelas histórias como estímulo para sua própria criação subjetiva, para sua exploração estética e afetiva dos meandros do mundo. A necessidade de histórias tem sido identificada como um aspecto central na vida imaginativa das crianças. As histórias permitem um exercício constante da imaginação em seu aspecto mais visual. (GIRARDELLO, 2011, p. 82).

Ainda, segundo a autora, “As histórias permitem o exercício constante da imaginação, o voo para o mundo paralelo onde, por meio do prazer poético, as crianças estão, na verdade, "trabalhando", ou seja, cumprindo sua tarefa fundamental de conhecer o mundo e de construir a si mesmas (GIRARDELLO, 2005, p. 05).

### 3.1 A BRINCADEIRA DE FAZ DE CONTA EM EVIDÊNCIA

No momento do parque, destacaram-se as cenas observadas da brincadeira de faz de conta. Por essa razão, considerei importante abordar este tema de forma mais específica, pois em cada anotação feita em meus registros, pude perceber que, neste espaço do parque, a brincadeira de faz de conta foi muito expressiva, merecendo um detalhamento maior.

Na infância, o brincar é necessário, sendo a principal atividade na vida da criança, e fazendo parte do seu processo de aprendizagem e desenvolvimento, social, intelectual e afetivo.

Navarro (2009) entende o brincar como uma atividade lúdica,

Em que se entra em uma situação imaginária, como atividade que possui regras e ao mesmo tempo é livre e social, em que a criança, através da sua emoção e imaginação, se desenvolve e se apropria do mundo ao seu redor, percebemos a relevância da brincadeira para as crianças e, conseqüentemente, para as escolas de educação infantil. (p. 17).

É no momento do parque que a criança brinca livremente e manifesta seu imaginário por meio da brincadeira do faz de conta que ela mesma cria.

Para Girardello (2011):

A imaginação é para a criança um espaço de liberdade e de decolagem em direção ao possível, quer realizável ou não. A imaginação da criança move-se junto — comove-se — com o novo que ela vê por todo o lado no mundo. Sensível ao novo, a imaginação é também uma dimensão em que a criança vislumbra coisas novas, presente ou esboça futuros possíveis. (p.76)

A brincadeira de faz de conta promove para a criança um momento único de desenvolvimento, no qual ela exercita, em sua imaginação, a capacidade de planejar e de imaginar situações lúdicas.

Girardello (2011, p. 90) esclarece que:

A imaginação da criança é um modo de ver além ou de entrever, que intensifica a experiência do olhar e vice-versa. Como todos os sentidos podem despertar a emoção imaginativa, poderíamos também falar na imaginação como um modo de sentir além.



Na cena a seguir, pode-se observar esse brincar de faz de conta:

Valentina, Davi, Manuela, Amanda e Ana Clara. Eles enchem o balde de areia, nos aproximamos para cumprimentar e Valentina diz: - *Estamos fazendo um bolo para Manuela*. Perguntamos: - *Por quê? Ela está de aniversário?* Valentina: - *Tá, ela vai ter o aniversário da Polly, o meu já foi e o da Amanda também, vai ficar bem lindinho o bolo da Polly*. Perguntamos: - *E o que vai ter nesse bolo?* Amanda: - *Farinha*. Elas enchem o balde de areia e dizem: - *Farinha, farinha, farinha, temos que colocar farinha*. Todas mexem no mesmo balde de areia, fazendo movimentos circulares, parecendo moldar o "bolo". Valentina diz: *Já chega, tá pronto!* Nesse momento, todos começam a cantar a música dos parabéns para Manuela. Amanda redefine a brincadeira dizendo: - *Agora o bolo é de morango*. Ana Clara se levanta e vai até o balanço, Vinicius aparece para balançar e eles ficam naquele movimento. Voltamos nosso olhar para a brincadeira de areia, e Amanda fala para as outras crianças: - *O bolo da Ana tá quase pronto*. Manuela, que havia se distanciado da brincadeira, retorna e Valentina afirma: - *Teu bolo vai ficar bem lindinho, é da Polly*. E elas continuam manuseando a areia dentro do balde... (Registro, 09/10/2012).

Na cena registrada fica evidente que o brincar de faz de conta é importante na vida da criança, para a construção de suas funções psicológicas e para o processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil. A criança, na brincadeira, assume um papel social, um papel de protagonista, fazendo com que ocorra uma relação entre real e imaginário.

A brincadeira, como atividade dominante da infância tendo em vista as condições concretas da vida da criança e o lugar que ela ocupa na sociedade, é, primordialmente a forma pela qual esta começa a aprender. Secundariamente, é onde tem início a formação de seus processos de imaginação ativa e, por último, onde ela se apropria das funções sociais e das normas de comportamento que correspondem a certas pessoas. (WAJSKOP, 2005, apud PMF-SME, 2012, p. 5).

O parque é um momento favorável para a brincadeira de faz de conta, é nele que a criança fica livre para imaginar e criar, de forma lúdica, as mais diversas brincadeiras, anunciando seus sentimentos e sua forma de ver o mundo. Para Girardello (2011, p. 90):

As vivências imaginativas da infância têm um papel crucial no seu desenvolvimento estético, afetivo e cognitivo. Vimos que é possível atuar favoravelmente sobre a imaginação infantil, criando melhores condições para que as crianças disponham desse tempo ou lugar — metáforas para a imaginação — onde possam exercitar sua curiosidade sobre as coisas do mundo, constituir conhecimento sobre elas e sobre si próprias, e viver mais plenamente o imaginável.

Ao observar a cena em que aparece a brincadeira do faz de conta, nota-se as crianças envolvidas vão, no decorrer da brincadeira, atribuindo significados do imaginário para os objetos reais. No caso da brincadeira antes descrita, as crianças tinham dois objetos reais e concretos, a areia e o balde. Seus desejos e imaginação fizeram com que a areia se tornasse bolo e o balde a travessa para este. Então, posso dizer que, no momento do parque, a criança fica livre para se expressar e representar suas vivências; procura demonstrar sua imaginação, seus sentimentos, transformando fatos de sua realidade em brincadeiras de faz de conta. Enquanto brinca de faz de conta, o consciente da criança está reproduzindo sua realidade.

Segundo Corsaro (2002), “as crianças apropriam-se, ativamente, de informações do mundo adulto para criar rotinas interativas estáveis e coerentes na cultura de pares.” (p.131)

Provavelmente, essa criança já viu alguém do seu convívio fazer um bolo de aniversário, podendo ser da família, um parente ou amigo. Nesta brincadeira, o diálogo que foi acontecendo devido ao fazer o bolo de aniversário; as crianças criaram um enredo, de faz de conta e uma personagem aparece na conversa, a Polly. Indago-me sobre essa personagem de televisão, quem é ela? Como a criança a significa? Como teve acesso a ela? Televisão? Sobre o papel da televisão

Sobre o assunto, Girardello (2005, p. 6) afirma:

Não se pode analisar o papel da TV sobre a imaginação isoladamente, sem levar em conta três outros fatores: 1. quanto tempo a criança passa assistindo TV; 2. o tipo de mediação adulta, ou seja, a qualidade geral do cotidiano da criança; 3. o conteúdo da programação. Enquanto a hipótese predominante, na psicologia cognitiva do início dos anos 80, era a de que assistir televisão tomava o lugar da brincadeira imaginativa, as pesquisas mais recentes mostram, ao contrário, que o conteúdo da televisão é incorporado à brincadeira. Os heróis, heroínas e aventuras da TV são usados como matéria-prima da vida de fantasia das crianças. As narrativas da TV funcionam como uma espécie de pré-roteiro para a brincadeira imaginativa das crianças.

Ou seja, no sentido de não analisa-la descoladamente do contexto geral da criança e da especificidade do que vê na televisão, pois outros fatores estão envolvidos sobre isso, mas pode-se perceber que os personagens contribuem nas brincadeiras de faz de conta.

Outra cena em que foi possível observar o faz de conta e os personagens de televisão aconteceu num momento em que eu e minha dupla de estágio, Eduarda, propusemos, no parque, um canto estruturado e convidativo para que, juntos, inventássemos fantasias com jornais, para brincar pelo espaço do parque. Tínhamos como objetivo conversar e ampliar com as crianças sobre a criatividade que temos, o potencial de criar o que imaginamos. Então, juntamente com as crianças, fomos construindo roupas, coroas e capas, e brincamos pelo parque. Esta proposta surgiu a partir da observação do envolvimento e interesse das crianças pela fantasia em outros momentos.

No momento da proposta alguns se interessaram mais pelo parque. Quem ficou conosco foi Vinicius, Amanda, Davi Oliveira e Pedro. Vinicius diz: - *Eu quero uma capa do Batman, logo Pedro e Davi concordam com a ideia e nos pedem também.* Amanda se interessa na coroa e pede - *Duda e Dessa, eu quero uma coroa de princesa.* Fizemos com o jornal, logo a Valentina vê a cena e sai do parque e vem em direção ao solário, ansiosa: - *Eu, também quero uma coroa de princesa.* (Registro, 06/11/2012).

Na cena, é possível observar que as crianças ficaram livres para decidir se queriam brincar com os jornais ou se desejavam brincar apenas no parque. No início apenas quatro crianças se interessam pela a proposta. As crianças que ficaram começam a imaginar a partir daquele jornal e fita crepe que estava disponibilizado a eles, inventando, assim, a capa do Batman e a coroa de princesa. Neste brincar com jornais consegui observar a criatividade e ludicidade que as crianças são capazes de trazer para suas brincadeiras.

A cena continua desta maneira:

A brincadeira rola no parque, agora não estão mais interessadas em fazer as fantasias, e sim em explorá-la juntamente no parque, Batman e princesas enfeitam nosso parque. O vento ajuda a dar movimento às capas, fica lindo de se ver. Brincadeiras de motocas, areia e subir nos parque juntamente com as fantasias de jornal dão um toque emocionante no momento do parque. (Registro, 06/11/2012).



Foto 5 - 06/11/2012, NEI Orisvaldina Silva.

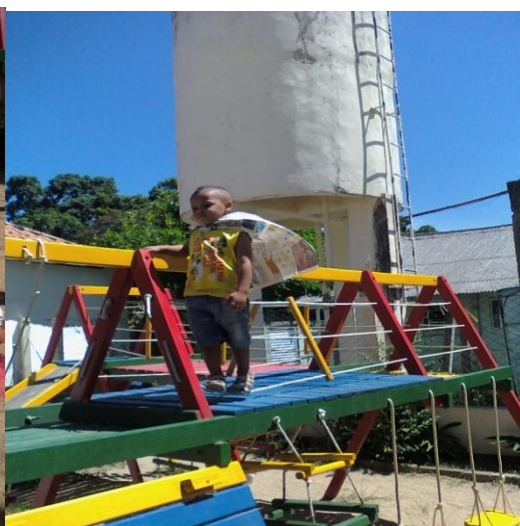


Foto 6 - 06/11/2012, NEI Orisvaldina Silva.

As crianças criaram suas fantasias e partiram para as brincadeiras no parque. É interessante o que as crianças fizeram nesta proposta; imaginaram, a partir do material reciclável (o jornal), e viram a possibilidade de criar as capas e coroas, que tornou concreto o desejo de ser princesa e ser Batman. As capas e coroas deram movimento e possibilitaram voar em suas imaginações. A imaginação em ser princesa e Batman mostra o quanto a troca de papéis e o fazer de conta estão presente na brincadeira. As crianças se realizam ao realizarem seus desejos. A imaginação possibilita o viajar ao mundo do faz de conta, da fantasia e do inusitado, permitir novos caminhos, novos desafios, novas descobertas.

[...] as crianças, em suas relações com e no espaço, recorreram ao faz de conta, à imaginação, imprimindo suas marcas no espaço e, ao fazê-lo, demonstram que têm outro jeito, outros jeitos de se relacionar com o espaço, para além do convencionalmente instituído: vão inventando, inovando, explorando-o de outras formas, dando novos significados aos arranjos e objetos, encontrando novos jeitos de se relacionar com seus objetos e pessoas, sua organização, dando outros sentidos [...] (AGOSTINHO, 2003, p. 84)

As experiências cotidianas das crianças são essenciais para seu desenvolvimento, e é no momento da brincadeira de faz de conta que todos esses sentimentos são expressos. Souza Lima (1994, apud AGOSTINHO 2003, p. 84) considera, que as crianças não só imitam a vida adulta: “Ao contrário, as crianças imitam a vida adulta, de forma dinâmica, muitas vezes crítica e, às vezes, inovadora, demonstrando, sobretudo, uma observação atenta do que ocorre à sua volta”.

[...] as meninas Ana Clara, Valentina, Marcela e Isis embaixo do brinquedo de madeira colorido, pois o sol estava presente naquele momento, sentadas cada uma mexendo de maneira aleatória na areia, nos chamaram a atenção e fomos nos aproximando bem devagar.. Ana Clara, mexendo na areia, diz: - *Olha, a água*. Esfregando os pés na areia, Valentina olha e, mexendo na areia, segurando uma peneira começa a mexer de um lado para outro e diz: - *Olha aqui, to fazendo pipoca*. Marcela se interessa pela brincadeira e diz, apontando para o pote de areia: - *O meu é sopa!* (Registro, 05/11/12)

Observei, neste recorte de cena, que a brincadeira do faz de conta foi surgindo em cada uma das crianças, conforme seus desejos e objetos. A areia, no contexto da brincadeira, significou coisas diferentes a cada criança que estava brincando.

Sobre o brincar de faz de conta e o papel do objeto a que as crianças atribuíram seu significado, vê-se que “na idade pré-escolar ocorre, pela primeira vez, uma divergência entre os campos do significado e da visão. Ou seja, no brinquedo, o pensamento está separado dos objetos e a ação surge das ideias e não das coisas.” (VYGOTSKII, 1994 apud RIVERO, 2011, p. 8).

É também na interação com o espaço que as crianças vão criando e dando a ele significados diversos. Assim, no parque, as crianças criam e recriam, partindo do que está disposto a elas, independente do tipo de material (AGOSTINHO, 2003). Fantasias, sonhos e desejos, na brincadeira, o objeto ora aparece com sua função real, na lógica do adulto; ora as crianças o ressignificam e partem para o imaginário:

Rafael vai até a caixa de brinquedos de areia, direciona seu olhar para os objetos dentro, abaixa e procura algo, mexe, remexe, pega uma pá grande vermelha, em sua fisionomia uma grande alegria. Põe a pá no meio das pernas e sai correndo, como se estivesse cavalgando. Vini, que estava no balanço, observa o ocorrido, vai até a caixa, pega uma pá azul e coloca no meio das pernas e sai imitando o movimento de Rafa. Aos poucos, outras crianças vão pegando as pás e fazendo elas de cavalos. Percorrem o espaço do parque de forma a explorá-lo, Vini, agora com chapéu de palha, tira o chapéu da cabeça segura com uma mão e com a outra segura o seu cavalo e diz: *IRRÁ!!* (Registro, 20/11/12)

Nessa cena, as crianças vão dando outros sentidos e significados para o objeto durante as brincadeiras, interagindo de maneira diferente do convencional em que é do objeto, no caso

a pá, que parte o imaginário, isto é, a pá torna-se um cavalo, seu objeto imaginativo. Já o chapéu, outro objeto, é utilizado com a função real deste, sendo o chapéu que o cavaleiro utiliza em sua cavalgada. Com essa cena, pude observar que as crianças são capazes, em suas brincadeiras, de usar tanto o real como o imagético. Que criam, inovam a partir do objeto, e assim demonstram que não apenas utilizam a forma puramente simbólica no brinquedo.

As crianças, em suas relações com e no espaço, recorreram ao faz de conta, a imaginação, imprimindo suas marcas no espaço e, ao fazê-lo, demonstram que têm outro jeito, outros jeitos de se relacionar com o espaço, para além do convencionalmente instituído: vão inventando, inovando, explorando-o de outras formas, dando novos significados aos arranjos e objetos, encontrando novos jeitos de se relacionar com seus objetos e pessoas, sua organização [...] (AGOSTINHO, 2004, p. 8)

As crianças, no faz de conta, podem experimentar outras formas de ser e pensar, ampliando seus entendimentos sobre as coisas e as pessoas ao desempenhar vários papéis sociais ou personagens.

#### 4 A PRÁTICA EDUCATIVA NO PARQUE

Aqui me proponho a refletir e discutir sobre a prática no cotidiano educativo, salientando a importância do papel do professor no espaço do parque.

Ao observar a rotina na instituição, foi possível constatar a existência de um tempo que determina as ações dos sujeitos adultos e das crianças, e que controla e define o uso dos espaços e dos materiais. O relógio é o que organiza a vida das instituições infantis, tempo marcado para tudo, comer, brincar; os tempos de atividades e brincadeiras livres e dirigidas.

Contudo, ali, foi possível observar que, mesmo com esse tempo do relógio, numa especificidade em relação ao grupo três do NEI, turma em que estagiei, a professora prioriza este tempo do parque como fundamental para a vida das crianças de seu grupo. Nos dias em que estive acompanhando o grupo, a brincadeira no parque era muito presente. Não tinha hora exata para ir ao parque e nem hora para sair. Às vezes, o parque era apenas interrompido pelo jantar, passando a tarde toda lá. O parque só não era utilizado em dias de chuva, caso contrário independente do calor ou sol as crianças o habitavam.

As brincadeiras no parque, planejadas, direcionadas e com objetivos claros, são um importante meio de educação, promovendo integralmente o desenvolvimento múltiplo da criança.

Quanto aos instrumentos que o profissional precisa utilizar no parque, segundo a pedagogia da infância, essas ferramentas como o registro, a observação, o planejamento e a avaliação, de modo a abarcar melhor os desejos das crianças e apontar a intencionalidade do seu trabalho. Dessa forma, essa prática precisa ocorrer em todos os momentos, incluindo o momento do parque.

O olhar do professor focando também nesse momento do parque, pois com ele é possível ver quais as necessidades da criança, conhecer mais sua realidade, pois a mesma reproduz e produz o que vive imersa num contexto de muitas diferenças. Conforme orienta o NAP–Relações sociais e culturais, “os profissionais da educação infantil, devem levar em conta a diversidade de contextos nos quais as crianças se inserem, e os modos como é manifestada e respeitada a condição heterogênea dos grupos dos quais fazem parte.”(PMF-SME, 2012, p. 5)

E em relação ao olhar atento do professor; estabelece: “A ação pedagógica precisa ser orientada por um olhar que contemple as crianças como sujeitos múltiplos e diversos, sem

desconsiderar os seus direitos na igualdade de acesso aos bens produzidos pela humanidade” (PMF-SME, 2012; p. 6).

O NAP- A brincadeira, sobre a observação, orienta que:

Os processos de observação e reconhecimento dos interesses das crianças exigem um acompanhamento contínuo das profissionais, que, à medida que se aproximam das experiências das crianças, podem incluir elementos que as provoquem a viver outras situações. (PMF-SME, 2012, p. 19)

Através da observação no parque, o professor consegue utilizar ideias e planejar vivências tanto no próprio espaço do parque como também em sala, isso tudo partindo da realidade da criança e de sua necessidade em que foi manifestada pela criança.

Nesse sentido, o professor necessita utilizar as ferramentas, como registro, observação, planejamento e avaliação em suas práticas diárias, sempre considerando as crianças com seres ativos e criativos perante a sociedade.

Sobre o observar, é importante que o professor olhe atentamente para as crianças, com um olhar que realmente vê, enxerga o que está a sua frente e questiona sobre o que percebe. É exatamente neste movimento de se ver e de se reparar que o professor precisa olhar a própria experiência com olhos de ver sua própria ação pedagógica. É aí que entra o planejamento na educação infantil;

O planejamento educativo deve ser assumido no cotidiano como um processo de reflexão, pois, mais do que ser um papel preenchido, é atitude e envolve todas as ações e situações do educador no cotidiano do seu trabalho pedagógico. Planejar é essa atitude de traçar, projetar, programar, elaborar um roteiro para empreender uma viagem de conhecimento, de interação, de experiências múltiplas e significativas para com o grupo de crianças. (OSTETTO, 2000, p.01)

Dessa forma, penso ser importante que o planejamento seja pautado na participação ativa das crianças. O planejamento na educação infantil, conforme Rocha e Ostetto, “além de uma programação de atividades e organização de rotinas, o plano de ação pedagógica constitui-se numa dinâmica permanente de sistemáticas intervenções e re-proposições pautadas num contínuo processo de investigação do universo infantil”. (ROCHA, OSTETTO, 2008, p.105)

O planejar é importante no momento do parque, pois, com planejamento, é possível ao professor organizar o espaço de maneira que possa contribuir para novos acessos e



aprendizados nas vivências das crianças. Ao planejar, o professor cria uma intencionalidade para seu trabalho.

O planejamento como proposta que contém uma aposta, um roteiro de viagem em que, a cada porto, incorporam-se novas perspectivas, novos roteiros, rumo a novas aventuras. O importante é exercitar o olhar atento, o escutar comprometido dos desejos e necessidades do grupo revelados em seus gestos, falas, expressões, em suas linguagens, enfim. O planejamento não é ponto de chegada, mas ponto de partida ou 'portos de passagens', permitindo ir mais e mais além, no ritmo da relação que se construir com o grupo de crianças. (OSTETTO, 2000, p. 8).

Qual, afinal, é o papel do professor neste espaço? A meu ver, é o de fornecer meios para que esse espaço do parque seja um ambiente agradável e que favoreça oportunidades necessárias para que as brincadeiras das crianças sejam efetivadas de forma agradável a elas, lugar de encontro possibilitado pelos adultos. Cabe aos adultos, junto com as crianças, criarem espaços no cotidiano de creches e pré-escolas em que as manifestações infantis estejam presentes, sendo compreendidas em sua inteireza (GOBBI, 2010, p. 2).

É essencial que o adulto participe e ajude com proposição e organização das brincadeiras, para, assim, trazer novos elementos para habitar esse espaço.

A professora tem um papel muito importante ao selecionar os suportes que dispõe às crianças, sejam esses suportes materiais (objetos, brinquedos) ou imateriais (filmes, histórias, músicas etc.), que provocam e dispõem elementos para as brincadeiras das crianças, sempre considerando que é importante conhecer os elementos culturais que estão presentes nas brincadeiras das crianças, mas que a sua ampliação ou resignificação também dependerão das escolhas da professora [...] (PMF-SME, 2012, p. 19.).

Agostinho (2003), sobre a participação do adulto no parque, alerta que: “Neste reino da brincadeira livre e da liberdade, as crianças demonstraram que gostam, necessitam da participação e colaboração do adulto, que precisam estender o lugar de viver a liberdade, o livre arbítrio para os espaços construídos.” (p. 10).

A respeito da mediação do adulto no parque, Vigotsky (2006) afirma que o brincar é de grande importância nos processos de aprendizagem e desenvolvimento da criança, e cabe ao adulto o papel de mediador, entre a criança e o conhecimento.

Para Navarro (2009), as formas de mediação do adulto no parque são importantes para garantir que as crianças realmente brinquem, interajam com seus colegas, imaginem, criem regras, utilizem brinquedos diferentes, de formas diferentes, estimulando sua a imaginação.

A mediação do adulto na educação infantil no momento do parque, se for organizado de forma intencional, possibilita uma brincadeira de qualidade para as crianças. O adulto, pode, então, orientar, ajudar e fornecer matérias que favoreçam estes brincar. Desse modo, para as crianças, a aprendizagem irá surgir da experimentação proporcionada pela brincadeira. (Navarro, 2009)

Portanto, planejar esse momento do parque, de maneira intencional, para ampliar os repertórios de brincadeiras das crianças, é essencial para que se possa contribuir com o desenvolvimento das crianças.

Os adultos têm um papel fundamental no parque, para além do cuidado com a segurança das crianças, organizando e propondo brincadeiras, participando nas propostas feitas pelas crianças, povoando-o com novidades e trazendo novos elementos para habitá-lo. (AGOSTINHO, 2004, p. 10)



Foto 7- 26/11/2012, NEI Orisvaldina Silva.

Essa foto (7) ilustra uma das propostas que eu e minha dupla contemplamos em nosso planejamento para o grupo três no nosso ensaio como professoras. Embaixo da amoreira, disponibilizamos materiais como tintas, conchas, madeiras e caixas de leite para que as crianças pudessem ter o contato com outros tipos de matérias neste espaço do parque na natureza. Com ela, tivemos a intenção de mostrar o quanto é importante e enriquecedor planejar no espaço do parque, levando materiais diversos para compor este espaço. As

crianças interagiram e experimentaram para além dos materiais que já compunham o parque, assim, resultando em uma experiência cheia novos experimentações. “As crianças devem ter a oportunidade de experimentar coisas novas, novas texturas. O professor deve acompanhar, mas não deve fazer pela criança, interferindo na sua criatividade”. (CRAIDY, KAERCHER, 2011, p. 35).

Estive presente em diversos episódios em que a professora do grupo três propôs bastante no parque. Quando ela começava uma nova proposta, as crianças se aproximavam, desencadeando uma série de brincadeiras, pois as crianças criam a partir da professora, e, logo quando a brincadeira começava a tomar outros rumos, diferentes do proposto, ela se afastava, fazendo o papel de incentivadora e propositora. Na cena registrada, a seguir, pode-se observar isso:

[...] a professora coloca uma caixa cheia de blocos de madeira para as crianças brincarem na areia; as primeiras crianças a se aproximarem foram: Rafael, Isis e Marcela. A professora, propondo diz: - *Dá pra fazer muitas coisas, estradinha, ponte, casa...* As crianças presentes vão pegando, criando e brincando, Logo percebo o movimento das crianças, elas vão todas se aproximando da caixa de blocos na areia. A professora, vendo a cena do ângulo observadora, senta ao nosso lado e diz: - *O projeto sucata é justamente isso, a gente propõe, eles se aproximam dos objetos e, quando eles estão entretidos, eu me afasto, pois o meu papel é de possibilitar.* (Registro, 09/10/12)

Pelo seu depoimento, bem como pela prática demonstrada, fica fácil observar que essa professora do grupo cumpre seu papel de mediadora e sabe da importância de propor em todos os momentos, inclusive no parque. Nesta cena, a partir do que as crianças já estão vivenciando no decorrer do ano no projeto, na turma do grupo três, a proposta é a sucata. Assim, em minhas observações, pude sentir a preocupação da professora do grupo em vincular o projeto às vivências das crianças, tornando-o mais significativo para as crianças; elas aprendem a valorizar os materiais disponibilizados pela professora e a criar a partir do que está ali. A professora relata para as crianças as diversas formas de brincar com a madeira e, depois de propor, fica a observar as relações e as brincadeiras desencadeadas.

Entre tantas, esta é outra cena em que conseguir registrar a ação da professora do grupo:

No parque, a professora pegou o tecido, prendeu na grade, e com a outra parte do tecido balançava e fazia de conta que era a onda do mar, e as crianças mergulhavam e nadavam. Sorrisos eram presentes no rosto de cada criança, o prazer daquele momento era visível em seus olhares. (Registro, 07/11/2013)



Foto 8 - 07/11/2012, NEI Orisvaldina Silva

Sobre a importância da presença do adulto nas brincadeiras, Wajskop (2005, p. 38) o coloca como elemento integrante, que atua “ora como observador e organizador, ora como personagem que explicita ou questiona e enriquece o desenrolar da trama, ora como elo entre as crianças e o objeto”.

Assim, cabe ao profissional mediar às brincadeiras das crianças, pois o parque infantil também é um espaço educativo tão importante quanto à sala. Sobre essa mediação, Navarro (2009, p. 68) afirma:

As maneiras de mediação que o professor pode utilizar no ambiente da educação infantil são muitas, basta que ele reconheça o valor dos objetos, do ambiente, da sua ajuda e orientação, e principalmente da sua organização, para, assim, possibilitar uma qualidade no brincar de seus alunos.

Portanto, o olhar e a escuta atentos, a observação das ações das crianças no parque e o planejar para que as brincadeiras, neste lugar, sejam de qualidade é de suma importância e papel fundamental do profissional da educação infantil.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a pesquisa realizada através das observações, dos relatórios e registros imagéticos, foi possível constatar que o parque na educação infantil é um ambiente que favorece o brincar das crianças.

A brincadeira no parque, para a criança, é um momento cheio de significados sociais, oferecendo momentos propícios de brincadeiras livres em que a criança se expressa.

No parque, acontecem muitos movimentos e o movimentar-se é uma necessidade da criança. É assim que elas aprendem a se conhecer melhor, experimentando seus movimentos, seu corpo, passando a compreender e a movimentar-se no mundo.

O parque aguça a criatividade e o imaginário das crianças, brincando de faz de conta, no qual são capazes de protagonizar papéis, ora de mãe, ora de personagens de histórias infantis, como “batmans” e princesas. O faz de conta representa para a criança um momento único de desenvolvimento, no qual ela exercita sua imaginação.

Temos, então, que ver a criança sempre como sujeito de direitos e, com isso, proporcionar um brincar de qualidade, incluindo tempo, espaço, materiais. Principalmente, que a prática educacional busque alcançar este objetivo, tornando a hora do parque um momento rico, prazeroso e de qualidade, favorecendo as relações e interações que acontecem neste espaço, para, dessa maneira, contribuir ainda mais para o desenvolvimento, as experiências e vivências das crianças. A brincadeira e a imaginação, assim como o movimento, fazem parte da forma de ser das crianças.

Sobre a prática pedagógica, acredito que a professora do NEI, no qual foi efetivado o estágio e a análise dos relatórios, contribui muito para o brincar no espaço do parque para as crianças do seu grupo, posicionando, sempre, como uma incentivadora e propositora, instigando e fornecendo outros materiais/objetos, além dos que já faziam parte do ambiente.

Enfatizo a importância do observar, com um olhar atento para as crianças; do planejar, pautado na participação ativa das crianças; e do registrar, tendo o papel de fornecer meios para que o parque, na educação infantil, seja um ambiente agradável e que oportunize as brincadeiras das crianças, de forma agradável e favoreça o encontro entre seus pares. Tudo isso sendo compreendido e possibilitado pelos adultos.

Assim, este espaço necessita dar subsídios para as crianças viverem intensamente suas brincadeiras, seus movimentos, desvendando curiosidade, instigando o faz-de-conta,

proporcionando interações e fazendo com que as crianças sintam-se parte deste lugar que é voltado a ela - o parque.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, K. A.. **O espaço da creche: que lugar é este?** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

\_\_\_\_\_. O espaço da creche: que lugar é este? In **27 Reunião Anual ANPEd**, Caxambu, 2004.

BATISTA, R. Cotidiano da educação infantil: Espaço Acolhedor de Emancipação das Crianças. 1º CONGRESSO DO FÓRUM DE EDUCAÇÃO INFANTIL DOS MUNICÍPIOS DA AMREC.

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CAMPOS, M. M.; ROSEMBERG, F. (COEDI/MEC) (2009). **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças**. Brasília.

CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. P. da S.. **Educação infantil**. Pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Resolução n. 5, de 17 de dezembro de 2009.

FARIA, A. L. G. de. O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma pedagogia da educação infantil. In: FARIA, Ana Lúcia G. de; PALHARES, Marina S. (orgs.). **Educação Infantil pós-LDB: rumos e desafios**. Campinas, SP: Autores Associados-FE/UNICAMP, São Carlos, SP: Editora da UFSCar, Florianópolis: Editora da UFSC, p. 67-98, 1999.

FLORIANÓPOLIS. Secretaria Municipal de Educação - Fpolis, NAP A brincadeira, 2012

\_\_\_\_\_. Secretaria Municipal de Educação. NAP Linguagens Visuais, 2012.

\_\_\_\_\_. Secretaria Municipal de Educação. NAP Relações Sociais e Culturais, 2012.



FRANCISCO, Z. F. **ZÊ, tá pertinho de ir pro parque?** O tempo e o espaço do parque em uma instituição de educação infantil. Florianópolis, SC. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

GIRARDELLO, G. **O florescimento da imaginação:** crianças histórias e TV In I Seminário Educação, Imaginação e as Linguagens Artístico-Culturais, 2005.

\_\_\_\_\_. Imaginação: arte e ciência na infância. Pro-posições, Ago 2011. v. 22, n. 2,p. 72-92. ISSN 0103-7307.

GOBBI, M. A. Múltiplas linguagens de meninos e meninas na educação infantil. In: I SEMINÁRIO NACIONAL CURRÍCULO EM MOVIMENTO PERSPECTIVAS ATUAIS. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2010. v. 01.

BRASIL. **Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei n. 9394/96. Brasília: Centro Gráfico, 1997.

NAVARRO, M. S. **Reflexões acerca do brincar na educação infantil.** 2009. 147f. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

OSTETTO, L. E. Planejamento na Educação Infantil: mais que a atividade, a criança em foco. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Encontros e encantamentos na Educação Infantil.** Campinas: Papirus, 2000. p. 175-200.

SANTA CATARINA. **Projeto político pedagógico.** Nei Orisvaldina Silva. Florianópolis, 2011.

RIVERO, A. S. A brincadeira das crianças na formação de professores na educação infantil. In: **Revista eletrônica Zero-a-Seis**, n. 23, jan-jun, 2011.

ROCHA, E. **A pesquisa em educação infantil no Brasil.** Trajetória recente perspectiva de consolidação de uma Pedagogia da Educação Infantil. Florianópolis: Teses (doutorado) NUP 2, UFSC/CED, 1999.

ROCHA, E. A. C.; OSTETTO, L. E. O estágio na formação universitária de professores de educação infantil. In: SEARA, Izabel Christine et al (Orgs.). **Práticas pedagógicas e estágios: diálogos com a cultura escolar.** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2008, p.103-116.

VYGOTSKY, L. S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 10. ed. São Paulo: Ícone, 2006.

WAJSKOP, G. **Brincar na pré-escola**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2005.